

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

AS MULHERES DO AXÉ: RELAÇÕES DE PODER NO CANDOMBLÉ KETU

Juliana Silva Garcia, Pesquisadora Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Departamento de Psicologia Clínica, Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, Assis-SP, Brasil; Wiliam Siqueira Peres (Orientador), Departamento de Psicologia Clínica, Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, Assis-SP, Brasil.

julianagsgarcia@gmail.com

O Candomblé é uma religião afro-brasileira, na qual se cultuam às(aos) orixás, entidades que vivem e se expressam por meio da natureza e aspectos da vida humana. Sendo, ainda, possível ilustrar da seguinte maneira “O orixá é uma força pura, asé imaterial, que só se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se em um deles.” (VERGER, 1981, p. 19). No Brasil, são cultuadas(os) por volta de vinte orixás, sendo que estas(es) se dividem por meio dos quatro elementos da natureza: ar, água, fogo e terra. Sabe-se que as(os) orixás podem ser femininas, masculinos ou metá metá, seres híbridos que são macho e fêmea concomitantemente ou em épocas alternadas. O culto às(aos) deusas e deuses iorubas se organiza de maneira hierárquica e as tarefas essenciais para o bom andamento dos ritos religiosos são divididas por meio dos gêneros e das respectivas funções de cada integrante da família de santo. A pesquisa aqui, resumidamente, apresentada tem a intenção de averiguar, por meio de entrevistas organizadas por eixos disparadores, os papéis de poder desempenhados por quatro mulheres que frequentam um terreiro de Candomblé, localizado em um bairro periférico da cidade de Assis-SP. As entrevistas abordam a importância de suas funções e suas impressões singulares acerca de si mesmas e do feminino, de modo geral, nesse espaço religioso, considerando os marcadores sociais que compõe seus processos subjetivantes, tais como: raças/cores, classes sociais, gêneros, gerações e sexualidade. Enquanto metodologia, utilizamos a cartografia. Inspirada nas ideias de Gilles Deleuze & Felix Guatarri (1996), a cartografia se caracteriza enquanto

“estratégia de produção do conhecimento” (SILVA, 2005), “método de pesquisa-intervenção utilizado em pesquisas de campo voltadas aos estudos das subjetividades” (PASSOS, KASTRUP & ESCÓCIA, 2009) e como “crítica ao modelo tradicional de conceber as pesquisas de campo em Psicologia” (ZAMBENEDETTI & SILVA, 2011). Para compor com a pesquisa, utilizaremos ainda bibliografias pertinentes às temáticas centrais, ou seja, estudos de gêneros, obras acerca do Candomblé e também referentes às relações de poder.

No que se refere aos nossos objetivos podemos destacar que eles se dividem entre objetivo geral e objetivos específicos. O objetivo geral da pesquisa consiste em:

- Cartografar os processos de inserção das mulheres no Candomblé e suas percepções sobre seus corpos e relações de poder.

Os objetivos específicos, por sua vez, são os seguintes:

- 1) Cartografar a respeito de como as mulheres se veem (auto imagem) e se definem (auto conceito) dentro do terreiro de Candomblé;
- 2) Cartografar a respeito das impressões que as mulheres tinham de seus corpos antes de suas inserções no Candomblé, e, como percebem seus corpos hoje;
- 3) Cartografar as linhas de subjetivação que participam da constituição dessas mulheres e seus processos desejanter em suas interfaces com marcadores sociais: classes, raças/cor, sexualidades, gêneros e geração.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

No que se refere a orientação teórica da pesquisa, podemos dizer que somos levada e levado por teóricas/os movidas/os pelo desejo e implicadas/os com a ciência enquanto ato político. Assim sendo, nosso principal autor é Michael Foucault, sendo que nos utilizamos de suas obras que abordam a genealogia do poder, tendo como principais aportes teóricos os livros *Microfísica do Poder* (1988) e *História da Sexualidade I – A Vontade de Saber* (2006). Para compor nossa metodologia, utilizamos *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (2009), organizada por Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liliana da Escóssia, e também *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum – vol. 2* (2014), organizado por Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Silvia Tedesco. Por fim, no que tange ao Candomblé, utilizamos as obras de Pierre Fatumbi Verger, em especial seu livro *Orixás* (1981), além de utilizarmos o livro *Mitologia dos Orixás* (2001), de Reginaldo Prandi.

Utilizamos como aporte teórico-metodológico a cartografia, visto que seu ponto de apoio é a experiência entendida como um saber-fazer ao fazer-saber, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. Eis o 'caminho' metodológico. (PASSOS & BARROS, 2009, p. 18). A cartografia é uma proposta de produção de conhecimento pautada pela ética do encontro, no sentido espinosano da expressão, na qual se respeitam as/os sujeitas/os e subjetividades, mapeando potencialidades. Nossa proposta intenta romper com paradigmas da ciência moderna que se baseia na quantidade, traço herdado das ciências naturais. Compondo com nossa metodologia, realizamos quatro entrevistas, de acordo com as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unesp/campus Assis, organizadas por eixos disparadores, nos quais pretendemos cartografar os processos de adesão das mulheres à religião, além de questões referentes aos modos como elas se veem, se definem e se colocam nesse espaço, como sentem seus corpos e também os marcadores sociais que as compõem.

Tendo em vista o fato de que nos encontramos em fase inicial de análise das entrevistas, as discussões aqui colocadas são parciais. Todas as nossas entrevistadas são iniciadas no Candomblé Ketu, ou seja, já passaram pela feitura da/o santa/o e cumpriram os preceitos condizentes a essa etapa. Elas desempenham diferentes funções e ocupam cargos variados na hierarquia da religião, sendo uma iaô consagrada a Ogum, orixá da guerra, uma iaquequerê consagrada a Xangô, orixá que zela pela justiça e pela lei, uma ebômi consagrada a Oxóssi, orixá da caça e, por fim, uma equedê consagrada a Iemanjá, mãe das cabeças e rainha do mar. No que se refere ao aspecto racial, uma delas se declara negra, outra se diz morena clara e as demais brancas. Em relação a classe social, uma se diz classe média, outra de classe média baixa, uma terceira, em suas próprias palavras, mais menos e, por fim, a quarta entrevistada relata possuir uma situação econômica estável. Pontuamos que essas mulheres são todas mães, sendo que duas delas são avós e uma já é bisavó; nenhuma delas está casada de acordo com o que é formalmente imposto pela sociedade, mas duas delas afirmaram estar em relacionamentos heterossexuais e estáveis, na época em que as entrevistas foram realizadas. Nenhuma das entrevistadas possui formação acadêmica, sendo que apenas uma delas, a que possui formação técnica, estava formalmente empregada quando a entrevista foi realizada. Outra questão importante a ser pontuada é que, de modo geral, todas relataram um certo efeito terapêutico ligado a adesão à religião, sendo que duas sujeitas da pesquisa mencionaram sentir alívio, dentre elas, uma evidenciou os ganhos referentes à sua saúde mental.

Consideramos relevante enfatizar que o que move a pesquisa é o desejo de cartografar os papéis de poder desempenhados pelas mulheres no contexto religioso do Candomblé. No entanto, em nosso percurso, nos foi inquietante perceber tão evidentemente o poder investido à academia

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

enquanto detentora de um possível saber. Em virtude disso, pelo menos a princípio, as mulheres sentiram-se inibidas em cederem as entrevistas. Problematizamos tal questão nos utilizando de Foucault (1972), pois acreditamos que a ciência também pode se configurar enquanto ato político, rompendo com padrões elitistas e excludentes, a serviço da manutenção dos privilégios de alguns/mas e, conseqüentemente, provocando a invisibilidade de outras/os tantas/os. Eduardo Galeano (2006) finaliza o texto *A Sagrada Família* da seguinte maneira, “Eu não quero sobreviver. Eu quero viver.”, enquanto pesquisadora e, sobretudo, como mulher, afirmo que pesquisar para mim é a possibilidade de ser sujeita, perceber e traçar linhas de fuga em um mundo machista, racista e elitista que ao longo da história nos obrigou a lutar para sobreviver, pois nos foi negado o direito de simplesmente ser sujeitas de nossas vidas.

Palavras-chave: Mulheres. Candomblé. Relações de poder.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** - vol. 3. Rio de Janeiro: 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I – Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988a.

GALEANO, Eduardo. **O Caçador de Histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2016.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum – vol. 2**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Rosane Neves da. **A invenção da psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2005.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador/ São Paulo: Corrupio/ Círculo do Livro, 1981.